



ROSSATTO, Noeli Dutra (org.). Mirabilia 14
Mística e Milenarismo na Idade Média
Mística y Milenarismo en la Edad Media
Mystic and Millenarianism in Middle Ages

Noeli Dutra ROSSATO¹

Sane in futuro non solum verba historica, et que terram sapere videntur deficient, verum etiam et verba mistica, que per figuras et enigmata prudentibus ingerentur, cessabant quia non iam per figuras aliquas, sed in spiritu dei nostri faciem videmus conditoris, símiles eidem effectus... (Joaquim de Fiore, *Prephacio super Apocalipsim*, I, 1).

Com certeza, no futuro, não veremos mais por palavras históricas, que parecem saber de terra; cessarão também as palavras místicas, a nós apresentadas prudentemente por figuras e enigmas; pois, no Espírito, veremos a face de nosso Deus, e, com efeito, seremos semelhantes a Ele próprio...

É com grande satisfação que apresentamos ao público a décima quarta edição da Revista *Mirabilia*, que traz o volume temático intitulado *Mística e Milenarismo na Idade Média*.

Há algum tempo a mística e do milenarismo, sob diferentes denominações, enfoques e terminologias, têm ocupado grande parte da mídia impressa e digital.

Também não é difícil apontar tendências e autores que, na Filosofia Contemporânea, de modo explícito ou não confessado, vão retomar temas próprios à tradição da mística. Uma dessas tendências está circunscrita aos autores que vão reabilitar a mística negativa da não verbalização, do nada sublime ou da universalização indiferenciada como suporte teórico mediante o qual se vislumbra o possível enfraquecimento da moderna tese da centralidade do *Ego* ou do *Cogito* ensimesmado.

¹ Prof. Dr. em Filosofia pela Universidade de Barcelona e Prof. Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Outra é aquela tendência que vê na atitude radical de negação de si a possibilidade de afirmação da mais alta e plena liberdade. Tal como na mística, que tira sua força da sabedoria proveniente de uma atitude de recolhimento, esses diferentes caminhos levariam de algum modo à relativização de si mesmo frente a uma totalidade mais ampla, uma unidade indeterminada ou um esvaziamento extremo da consciência fundada ou fundida no nada. De igual forma, outros buscarão, como no passado, a plena liberdade espiritual mediante a ascensão ao mais alto grau de conhecimento (*gnose*) ou de contemplação (*nous*) da totalidade.

De acordo com essas diferentes tendências contemporâneas, não há como deixar sugerir que o pensamento medieval tem algo de significativo a dizer na atualidade, pois, de qualquer modo que se enfoque o tema, a Idade Média se constitui em um grande celeiro em que se conserva armazenada grande parte da tradição da mística Ocidental e Oriental.

Se olharmos novamente o mesmo cenário contemporâneo, de outro lado, talvez em decorrência das prolongadas crises sociais e políticas, do medo real de um colapso total do planeta ou das catástrofes vaticinadas nos períodos de fim de século, ressurgem muitos traços das análises apocalípticas, e na esteira delas o milenarismo, ocupando parte significativa da produção literária em geral e, particularmente, das publicações em História. Desta perspectiva, muitos autores vão revisitar as fontes clássicas, as glosas e os comentários a respeito do Apocalipse e, mais precisamente, aqueles textos que tentaram registrar ou recompor o ambiente criado em torno à passagem do primeiro milênio cristão. O reencontro com estas fontes tinha um propósito muito claro: a tentativa de subsidiar a compreensão das questões que se impuseram com a proximidade do segundo milênio.

Não obstante, ao lado das correntes marcadas por uma leitura apocalíptica de corte negativo e pessimista, da qual o próprio Agostinho é um claro exemplo, também é preciso destacar o ressurgimento medieval de uma corrente apocalíptica de matiz francamente positivo e otimista no período imediatamente posterior ao primeiro milênio do cristianismo. A historiografia medieval tem dado destaque a esse renascimento vivido pela Idade Média Ocidental do período subsequente ao milênio do Nascimento ou da Paixão de Cristo.

Neste sentido, as palavras escritas por Georges Duby, em *O Ano Mil. Uma nova e diferente visão de um momento crucial da história* (Barcelona: Gedisa, 1996, p. 127), ainda merecem ser lidas: “Para os historiadores que tiveram a tarefa de

escrever no dia seguinte do milênio da Paixão, os juramentos de paz, as peregrinações e todas as medidas de purificação coletiva haviam alcançado seu objetivo. Era visível que as forças do mal retrocediam derrotadas. A ira de Deus se aplacara. Ele firmava um novo pacto com o gênero humano. Cumpridos os mil anos, depois de passar os açoites, a cristandade saía de uma espécie de novo batismo. Ao caos, seguia-se a ordem. Depois do Ano Mil, passava-se a viver uma nova primavera do mundo”.

E se há um pensador que encarna e inflama o mundo medieval com este espírito pós milenarista, deixando para trás a velha e decadentista hermenêutica da *sacra pagina*, em especial a dos apocalipses bíblicos, é o abade cisterciense – e depois florense – Joaquim de Fiore (1135-1202). O abade calabrês Joaquim, contrariamente aos autores que abandonaram a tradicional *lectio historiae* (leitura da história) de corte narrativo e perspectiva escatológica, ao seguirem um método que tudo fragmenta sob as questões disputadas (escolástica), ou simplesmente se diferenciando de autores que se voltaram decididamente para o estudo da natureza (Escola de Chartres), vai alicerçar a tradicional leitura da história em novas bases.

O mesmo Duby, com seu estilo inconfundível, em *São Bernardo e a Arte Cisterciense. O nascimento do Gótico* (Madrid: Taurus, 1986, p. 134-35), caracteriza magnificamente este momento posterior ao primeiro milênio, e indica em particular o lugar preciso do pensamento joaquimista nesta conjuntura: “Com efeito, durante todo o século XII, até que o abade cisterciense Joaquim de Fiore, em um universo rejuvenescido, desloca o término da aventura humana na terra para uma terceira idade do mundo, os cistercienses, tal como os cavaleiros, como todos os reis – e de igual modo os cátaros – vivem possuídos pela espera escatológica, pelo mesmo sentimento que havia posto em marcha os exércitos da Primeira Cruzada, e sobre o qual, no fim das contas, havia sido construída a imagem da sociedade das três ordens”.

São esses alguns dos traços da cosmovisão e da mentalidade medieval em que, de diferentes modos, se inserem as correntes místicas, espirituais, escatológicas e milenaristas. E tendo em vista a iniludível presença dos resquícios desse pensamento nas diferentes vertentes e áreas do pensamento contemporâneo, cabe então sugerir a questão: o que a propósito tem hoje a dizer o pensamento medieval?

Essa questão será respondida, de diferentes modos, pelos textos que compõem este número da *Revista Mirabilia 14*. Não obstante, podemos responder, de imediato e sem maiores problemas, que a Idade Média é o

período que, por excelência, deu um tratamento acurado a esses temas. Porém, tão logo sublinhamos isso, é inevitável a paradoxal constatação: ao lado de muitos místicos, espirituais e apocalípticos que alcançaram o mais alto grau de reconhecimento pela ortodoxia e foram alçados aos pedestais da santidade, não é difícil listar um número talvez maior de homens e mulheres que, com as mesmas motivações, foram condenados como heréticos ou extirpados como heterodoxos no decorrer do mesmo período. Daí o surgimento de outras indagações. O que separa uns e outros? Que aspectos constituem propriamente as grandes tendências da mística e do pensamento milenarista no interior do medievo Ocidental? Que correntes foram aceitas e quais foram rechaçadas?

Os artigos aqui reunidos pretendem dar subsídios para compreender - e talvez responder ou pelo menos começar a pensar – as questões suscitadas por essas e outras indagações relativas aos dois temas escolhidos para este número da *Revista Mirabilia*.

Agradecemos a colaboração dos especialistas brasileiros e estrangeiros que aceitaram levar a cabo esta complexa e fascinante tarefa.

Mirabilia 14 conta com quatorze artigos que abordam as diferentes origens, os desmembramentos, as repercussões e os autores e textos que trataram as temáticas referentes à mística e ao milenarismo ao longo da Idade Média. É desnecessário dizer que este número temático é limitado e não cobre a totalidade da vasta literatura mística e milenarista produzida no período. Faremos uma breve apresentação dos artigos e de seus autores na sequência.

No ensaio *As origens iranianas do milenarismo*, **Edrisi Fernandes** (UnB) avalia a presença da tradição iraniana nas origens do milenarismo judaico-cristão, através do Zoroastrismo ou do Zurvanismo; e, a partir daí, discute a recepção e transmissão grega dessas ideias escatológicas, indicando alguns traços que delatam a sobrevivência na herança ocidental.

Cecília Cintra Cavalheiro de Macedo (UNIFESP), em *A imagem do trono em Ibn Gabirol (c. 1021-1058) e a mística da Merkabah*, mostra que a mística do Trono, comum às três religiões monoteístas abrahâmicas, pode ser verificada ao longo do pensamento medieval e, em particular, na obra poética de Ibn Gabirol.

Matthias Riedl, que atualmente leciona em uma Universidade de Budapeste (Budapest University), sugere em seu artigo *A collective Messiah: Joachim of Fiore's constitution of Future Society* que a figura constante na *Tavola XII* do *Liber Figurarum*, de acordo com o pensamento de Joaquim de Fiore, contém instruções práticas para regular a vida social no futuro terceiro estado do mundo; e, tal qual a imagem de um Messias coletivo, indica uma ordem de classificação das pessoas segundo a posse ou não do conhecimento espiritual.

Cláudio Reichert do Nascimento (UFSC), atualmente desenvolvendo pesquisa de doutorado na França, no artigo *Joaquim de Fiore (c. 1135-1202): Trindade, história e milenarismo*, aponta que a Figura do Mundo, em sua origem joaquimita, serve para indicar o lugar do Antigo e do Novo Testamento, no primeiro e segundo estados, e o do Evangelho Eterno, previsto para o terceiro estado do mundo; e, no plano da mística, habilita os quatro sentidos da escritura em estrita concórdia com os quatro animais da visão de Ezequiel e do Apocalipse de João. Ambos os temas logo serão alvos da escolástica de Tomás de Aquino.

Em seu artigo *A Lectura super Apocalipsim de Pedro João Olivi (1248-1298)*, **Márcio Paulo Cenci** (UNIFRA) analisa um dos importantes textos de teoria da história medieval, destacando o tema polêmico da função escatológica da figura de São Francisco de Assis que, como o Anjo do Sexto Selo, cumpriu a expectativa apocalíptica vislumbrada pela leitura dos franciscanos espirituais, com base na hermenêutica por concórdia de origem joaquimita.

Bento Silva Santos (UFES), em seu artigo *O Gottesgeburtiszyklus de Meister Eckhart (1260-1328): a mística fundamental do “nascimento de Deus na alma” (Sermões 101 a 104)*, trata da vontade mística do autor de libertar-se do horizonte psicológico da subjetividade humana, a fim de expressar a Deus e a união da alma com a divindade. Nesses Sermões Eckhart afirma a necessidade do intelecto de “interiorizar-se”; ele deve retornar à sua “essência”, realizando-se assim o “nascimento de Deus na alma”.

Tamara Quírico (UERJ-IPHAN), em *Peste Negra e Escatologia: os efeitos da expectativa de morte na religiosidade do século XIV*, analisa como a epidemia da Peste Negra criou um clima de pessimismo e medo; e, com isso, sobreveio o temor da morte iminente e da proximidade do fim dos tempos, tendo consequências diretas na transformação das práticas religiosas.

Andreu Grau i Arau (Universidade de Barcelona -UB), em *Milenarismo, espiritualismo y reforma eclesiástica en la Baja Edad Media*, com base numa estrita

relação entre mística e escatologia, avalia algumas das principais doutrinas medievais de corte milenarista com base na hipótese de que as mesmas propõem reformas religiosas em decorrência do modo de compreender a própria espiritualidade.

José González Ríos (UBA-Buenos Aires-CONICET), em *Los grados de conocimiento hacia la visión mística en el pensamiento de Nicolás de Cusa (1401-1464)*, trata a visão mística (*visio mystica*) em Nicolau de Cusa a partir do pressuposto de que a mesma é inseparável da metafísica da mente humana e dos graus de conhecimento que a mente ascende em direção ao Primeiro Princípio do qual tudo procede.

Simone Marinho (UEPB) com pesquisa na área da mística e do neoplatonismo, em *A experiência do olhar místico em Nicolau de Cusa (1401-1464)*, reafirma o caráter místico do *De visione dei*, de Nicolau de Cusa, com base no suposto de que a mística é, em última instância, uma experimentação do divino, entendida como a mais alta e profunda experiência visual com o Primeiro Princípio.

Claudia D'Amico (UBA-Buenos Aires), pesquisadora do CONICET, com o artigo *Visión Absoluta y visión de lo Absoluto en Nicolás de Cusa*, verifica a herança neoplatônica de Nicolau de Cusa nos temas da visão absoluta e da visão do Absoluto. Em suma, diz ela, é apenas na autocontemplação do dinamismo de sua visão que o homem pode fazer visível para si a visão de Deus.

Marcelo Barreira (UFES), com o artigo *Comentário de João da Cruz (1542-1591) ao verso “com ânsias em amores inflamadas” no segundo livro da Noite Escura*, trata o problema da vontade na contemplação mística; analisa especialmente o tema da ‘inflamação de amor’ na alma, na obra do místico castelhano João da Cruz.

Cícero Cunha Bezerra (UFSE) investiga o que é a mística, propondo, em seu artigo *Michel de Certeau (1925-1986) e Teresa de Ávila (1515-1582): em torno da literalidade da experiência mística*, reabilitando como resposta a via literária de Michel de Certeau, elegendo como objeto de estudo a análise de alguns escritos de Teresa de Ávila.

Noeli Dutra Rossatto (Filosofia) e **Marcus De Martini** (Letras), ambos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em *Milenarismo em Joaquim de Fiore (1132-1202) e Antônio Vieira (1608-1697)*, avaliam a presença das ideias milenaristas na obra de Joaquim de Fiore e de Antônio Vieira, evidenciando

que não há propriamente uma proposta milenarista na obra joaquimita; e que, por sua vez, o jesuíta português não pode então ter baseado suas teses proféticas nas obras autênticas do abade. Em conclusão: o milenarismo vieiriano, muitas vezes associado ao abade, seria proveniente dos círculos joaquimitas e de alguns textos pseudojoaquimitas.

Nos diferentes artigos que acabamos de apresentar ao leitor a abordagem da mística e o milenarismo se dá notadamente desde as perspectivas filosófica, histórica ou literária. Não é necessário justificar este traço interdisciplinar que une quase naturalmente essas áreas complementares no estudo das duas temáticas. Porém, há um aspecto em que esses temas se cruzam que precisa ser destacado a guisa conclusão desta apresentação.

Trata-se da relação entre mística e milenarismo desde a perspectiva platônica e neoplatônica.

Se visualizarmos o esquema cíclico ou circular da saída (*editus*) e de retorno (*reditus*) da alma, encontramos dois movimentos distintos. Por uma via descendente, nos deparamos com o processo de encarnação (ou encarceramento) da alma no mundo – e mais precisamente em um corpo – em que ela absorve a influência dos quatro elementos e das esferas celestes alinhadas no momento da descida. Por uma via ascendente, de modo inverso, encontramos o caminho de volta em que a alma procura se libertar dos elementos do mundo, recebidos no momento de seu processo de descida.

Muitas são as imagens na iconografia medieval que reproduzem este tópico comum às tradições cristã, judia e muçulmana. São as diferentes Figuras ou Imagens do Mundo, que apresentam de maneiras diversas o tópico da Visão do Trono, da *Merkabah* judaica, da *rota in rotae* da visão de Ezequiel ou do *Pantocrator* bizantino, entre outros. Os modos de voltar ao lugar de origem compõem as mais variadas vias místicas: a contemplativa, a da vontade, a do conhecimento, por exemplo. E a alma poderá ascender mediante procedimentos distintos, conforme a tradição: fusão (com o Absoluto, o Ser, o Nada, o Eterno), salto, êxtase, *visio Dei*, *gnose* plena, anulação da vontade individual, do Eu ou do conhecimento, hermenêutica do Verbo, entre outros.

Na medida em que tomamos o milenarismo dentro deste esquema, podemos ver nele também um dos modos de voltar ao lugar de origem da alma. O escalonamento por períodos nos sistemas cíclicos (séculos, anos, meses, dias,

tempos, idades, estados, *eons*), e mesmo nos esquemas lineares, como fará grande parte da tradição judaico-cristã, traz consigo a ideia de retorno ao lugar de origem ou ao momento inicial (*in Principio*). Nas cosmologias antigas e no platonismo em geral, vamos encontrar os períodos de retorno marcados pelos giros da esfera do mundo (o Ano Grande, por exemplo, em que a Alma do Mundo completa um giro), ou os ciclos das cidades, indicando que, de tempos em tempos, há um retorno ao lugar de origem e se inaugura uma nova etapa.

Assim, o *milenium* latino ou o *khiliasmós* grego remete igualmente às marcas temporais que pautam o retorno de figuras ou tipos-ideais (Cristo, Anticristo, Nero, Carlos Magno, Monarquia, Babilônia, Jerusalém), ou simplesmente indicam o fechamento de um grande ciclo ou período, que em geral se dá por água (dilúvios), em que “o sertão vira mar”, por exemplo; ou por fogo, em que a fênix sempre renasce das próprias cinzas. Essas marcas temporais também revelam, de outro modo, o esquema do retorno (*reditus*) da alma individual ou coletiva ao seu lugar de origem, tal como na mística.

Santa Maria, RS, maio de 2012
Noeli Dutra Rossatto
w3.ufsm.br/ppgf